

## A TEMÁTICA AFRO E AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL<sup>1</sup>

Edmilson de Avila Rodrigues Junior<sup>2</sup>  
ISEPE – Faculdade do Litoral Paranaense

### RESUMO

O povo brasileiro é formado basicamente por três povos, os brancos (europeus), índios e africanos, sendo os últimos trazidos à força para servirem aos senhores como mão de obra, trazidos em navios negreiros, tratados como meros pedaços de carne.

Com a chegada dos negros, a cultura daquele continente também chegou às nossas terras e aqui se transformaram.

E no ambiente educacional, pensando em uma das pontas desta rica cultura, os contos, como os contos afros e afro-brasileiros são tratados dentro da escola? Eles são realmente utilizados? Ou apenas ficamos na superficialidade de sempre? O objetivo deste artigo perpassa por estas questões, buscando perceber se a lei 10.639/03 tem surtido o efeito desejado.

Palavras-chave: Contos afro e afro-brasileiros, Lei 10.639/03, Cultura Africana.

## THE AFRO AND AFRO-BRAZILIAN SUBJECT IN ELEMENTARY PUBLIC SCHOOL

### Abstract

The Brazilian people began basically with 3 folks: the white ones (Europeans), Indians and Africans, this last group that was forced to come to Brazil in ships to serve the lords as manpower, being treated as only meat pieces.

With the arrival of the Africans, their culture also came to our lands and here it transformed. And in the educational environment, thinking about one of the branch of this rich culture, the tales, how are the Afro and Afro-Brazilian tales being treated inside the schools? Are they really used? Or do we just stay in the surface as ever? The objective of this article goes through these questions, trying to understand if the Law 10.639/03 has been effective.

Key words: Afro and Afro-Brazilian tales, Law 10.639/03, African culture.

---

1 - Artigo publicado na Revista Ashânti 2: Raça, Etnia e Gênero. Guarulhos: Secretaria da Educação, 2013.

2 - Professor de Artes na rede municipal de Guarulhos no Ensino Fundamental I, Arte-educador, Pensador, Vivente e Contador de Histórias, realiza oficinas e formações com foco na Arte de Contar Histórias. Encantado com a vida e com as belezas que o conto e as artes visuais proporcionam, busca levar através das palavras, das imagens, do corpo e do movimento momentos encantadores e sensibilizadores.

## UM PERCURSO...

Basta atravessar o mar  
pra chegar  
Onde cresce o Baobá  
pra saber  
Da floresta de Oxalá  
E malê  
Do deserto de alah  
Do ilê  
Banto mulçumanamagô  
Yorubá

### África

#### Palavra Cantada

O povo Brasileiro é formado basicamente de três povos: brancos (Europeus), índios e negros, Darcy Ribeiro (2006: p. 9) diz: “Surgimos da confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos”, sendo os africanos tratados como mera mão de obra, colocados como carga nos navios negreiros, pendurados como carne em frigorífico, chegando dizimados a essas terras.

Com o passar dos anos, a cultura africana, os cantos e as histórias foram se misturando aos costumes aqui instalados, foram se transformando.

“A contribuição cultural do negro foi pouco relevante na formação daquela protocélula original da cultura brasileira. Aliciado para

incrementar a produção açucareira, comporia o contingente fundamental da mão-de-obra. Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais passivo que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira, mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes.” (RIBEIRO, 2006 : p. 107)

Embora nosso povo possua parte de origem africana, muito não se compreende e/ou não se aceita dessa cultura, seja no ambiente escolar, no âmbito profissional ou pessoal. Para averiguar esta questão é só analisar o número de negros em cargos importantes, nas universidades, nas questões de risco familiar, dentre tantos outros apontamentos.

Em meio a todas estas questões, percebeu-se a importância e a necessidade de se tratar sobre o respeito às diferenças, com o foco acerca do ensino Afro, assim, a Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9.934/96 foi alterada, surgindo a Lei 10.639/03 tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as áreas e níveis da educação, no Art. 26-a diz:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

### § 3º (VETADO)"

Sendo assim, transmitir este conhecimento nas escolas torna-se obrigação. Chegamos ao cúmulo de ser obrigado se tratar de uma temática de grande parte da população, mas será que realmente é o que acontece? Focaremos então em uma ponta das múltiplas possibilidades de se tratar o tema, escolhemos a vertente dos contos afros e afro-brasileiros.

Os contos africanos partem de vários povos, com características ricas de sua terra, são histórias que tratam de mitos, lendas, fábulas, tendo como personagens reis, rainhas, seres mágicos e os orixás.

Os contos afro-brasileiros beberam nas fontes da oralidade africana trazida pelos escravos, por aqui se agregaram ao clima, as crenças e a fala, transformando-se, mantendo por vezes a personagem, como os contos em que aparece a figura da Mãe d'água ou o próprio Saci Pererê que nasceu de uma mistura de mitos indígenas e africanos.

Os contos afros e afro-brasileiros propõem o contato com outra cultura, para propor uma ampliação dos conceitos, das ideologias, uma busca pela valorização do diferente e assim proporcionar uma melhor aceitação das diferenças raciais.

## EM MEIO AOS PRIMEIROS PENSARES, UM CONTO AFRICANO

### Carne de Língua

Há muito, muito tempo, existiu um rei que se apaixonou perdidamente por uma rainha. Depois do casamento, ela foi morar no castelo do rei, mas, assim que pisou lá, misteriosamente ficou doente. Ninguém sabia por que a rainha havia adoecido; o fato, porém, é que ela definhava a cada dia. O dono da coroa, que era muito rico e poderoso, mandou



*Ilustração de Fernando Vilela contida no livro "As narrativas preferidas de um contador de histórias"*

chamar os melhores médicos do mundo. Eles a examinaram, mas não descobriram a causa da doença. O rei, então, mandou chamar os curandeiros mais famosos do mundo. Fizeram preces, prepararam poções e magias. Também não adiantou nada. A rainha emagrecia diariamente – dali a pouco desapareceria por completo. O rei, que amava sua esposa tão intensamente, decidiu

- Eu mesmo vou procurar a cura para a doença da minha rainha.  
E lá foi ele procurar a cura para a sua rainha. Andou por cidades e campos. Num desses campos, avistou uma cabana. Ao chegar perto, aproximou o rosto da janela e viu, lá dentro, um casal de camponeses. O camponês mexia os lábios e, na frente dele, a camponesa, gordinha e rosadinha, não parava de gargalhar. Os olhos daquela mulher transbordavam felicidade.

O rei começou a pensar:

- O que será que faz essa mulher ser tão feliz assim?

Com essa pergunta na cabeça, ele respirou fundo e bateu à porta da cabana.

- Majestade! O que o nosso rei deseja? – perguntou o súdito, um pouco assustado com a presença real à sua frente.

- Quero saber, camponês, o que você faz para sua mulher ser tão feliz e saudável? A minha mulher está morrendo no castelo, toda tristonha.

- Muito simples, Majestade: alimento a minha mulher todos os dias com carne de língua.

O visitante pensou que tivesse ouvido errado: carne de língua! O morador da cabana repetiu:

- Alimento minha esposa diariamente com carne de língua.

A situação era de vida ou morte. O rei, mesmo achando aquilo meio estranho, agradeceu ao homem do campo e foi correndo de volta para o castelo. Chegando lá, mandou chamar imediatamente à sua presença o cozinheiro real:

- Cozinheiro, prepare já um imenso sopão com carne de língua de tudo o que é animal vivente na Terra.

- O quê?! Como assim, Vossa Majestade? – estranhou o chefe da cozinha real, com um ponto de interrogação no rosto.

- Você ouviu direito! Carne de língua de todos os animais do reino! Corra, porque a rainha não pode mais esperar.

O cozinheiro foi chamar os caçadores do reino. Passadas algumas horas, ele tinha à sua frente línguas de cachorro, gato, rato, jacaré, elefante, tigre, girafa, lagartixa, tartaruga, vaca, ovelha, zebra, hipopótamo, sapo, coelho...

No meio da noite, a nova sopa já estava pronta no caldeirão. O próprio rei foi alimentar a rainha com carne de língua. Entrou no quarto e ficou espantado com a aparência dela. Sentou-se ao lado, pegou uma colher do sopão e a aproximou da boca de sua amada esposa. Com muito esforço, ela engoliu algumas colheradas daquela comida exótica.

O rei esperou, esperou e esperou, mas a rainha não melhorava – muito pelo contrário, parecia que a morte a levaria a qualquer momento. Cansado de esperar, ele se desesperou. Se não fizesse algo, sua mulher iria embora para sempre.

-Soldado! Soldado! – gritou.

Um homem enorme, com armadura e espada, entrou no quarto.

- Escute bem, soldado. A rainha tem que ser transferida imediatamente para a casa de um camponês. Lá você encontrará uma mulher gordinha e rosadinha; quero que a traga até aqui.

Então explicou ao soldado onde ficava a casa desse homem do campo. Essa era a última chance, ele imaginava, de a mulher sobreviver. Mas talvez o rei não tivesse entendido direito o que o camponês lhe dissera.

- Corre, corre, soldado! A vida da rainha depende disso!

O soldado pegou a rainha no colo e com a ajuda de outros homens saiu em disparada até a casa no campo. A troca foi feita e, assim que a camponesa entrou no castelo, adoeceu misteriosamente. Depois de três semanas, aquela mulher, que era gordinha e rosadinha, estava

magra e triste. O rei, então, decidiu ver como estava a sua esposa. Chegando na cabana, pôs o rosto na janela e... Não podia ser! A rainha estava gordinha, rosada e gargalhava como nunca se vira antes. À sua frente, o camponês não parava de mexer os lábios. O rei bateu à porta:

- Novamente por aqui, Majestade! O que deseja?
- Camponês, o que está acontecendo!? A sua esposa está morrendo no meu castelo e a minha está toda feliz e saudável aqui na nossa frente.
- Me diga, Majestade: o que fez?
- Fiz exatamente o que você mandou. Dei carne de língua de cachorro, gato, sapo, coelho, girafa... para a minha rainha e para sua esposa também. Mas, caro súdito, nada adiantou.
- Vossa Majestade não compreendeu o que eu disse – riu-se o homem do campo. – Eu alimentei a rainha e a minha esposa com carne de língua: as histórias contadas pela minha língua.

Sua Majestade meditou um pouco sobre aquelas palavras. Lembrou-se também dos lábios daquele homem se mexendo. Parecia que agora havia entendido. Chamou sua esposa de volta e mandou a camponesa de volta para sua casa. Assim que a rainha entrou no castelo, o rei prometeu que lhe daria todas as noites, antes de dormir, carne de língua. A partir daquele dia, contam os quenianos, o rei contava uma história diferente todas as noites. Esse povo africano nos revelou que nunca mais a rainha ficou doente. Ensinarão-nos um segredo: As histórias fazem muito bem para as mulheres, homens, crianças, jovens, velhos – e até mesmo para os reis. (BRENMAN, 2007 : Págs. 11-17)

Carne de língua, a força da palavra... Como é importante que ela se faça na escola e na vida. Quando ouvimos histórias, viajamos, criamos, nos fortalecemos por meio de seus signos

e desta forma vamos construindo nossos labirintos íntimos, nossas possibilidades de ser e estar no mundo.

Essa vontade de alimentar o mundo ao meu redor com carne de língua só tem aumentado! A partir deste ponto, as pesquisas, os estudos e vivências me demonstraram o quão rica é esta cultura, o quão está integrado a nossa realidade e faz parte de nossas bases, mas que ainda não é compreendida, aceita ou trabalhada na escola de maneira devida, penso desta forma a partir de três vivências que tive, três experiências que não mais esquecerei, faz parte de minha trajetória quanto educador e as relatarei, pois elas me motivaram a pesquisar e trabalhar cada vez mais este assunto.

### **TRÊS HISTÓRIAS, TRÊS INDAGAÇÕES – UMA VONTADE.**

1ª história, uma indagação! – Seria o segundo sarau daquela escola, logo após o grande sucesso do primeiro... Agitação, animação, ideias! Emoções a flor da pele para podermos apresentar algo interessante!

Após uma vivência em Jonggo, percebi o quão importante esta manifestação é, o quanto está perdendo forças e o quanto resiste e ainda precisa resistir! Ótimo, uma possibilidade para se trabalhar com os alunos de 10 anos. Possibilidade de rodas de conversa, apresentação de suas origens, vídeos de grupos tradicionais e enfim a dança em si, um percurso rico e significativo.

Para que tal ação ocorresse, necessitei conversar com a direção e expor minhas vontades. Informei que gostaria de fazer uma roda de Jonggo com os alunos dos dois 5º anos, que faria o percurso com eles e por fim, uma apresentação no Sarau. Eis que ouço:

- Mas nas músicas se fala de orixás, isso é complicado!
- Ah, mas tem outras que não falam, existem muitos cantos! Posso escolher outra...
- É, mas tem som de tambor!
- E?
- Temos muitos pais evangélicos, podemos ter problemas... Tambor...

- Ah, mas eu explico antes da apresentação, envio informe aos pais apresentando a proposta e...
- Melhor não, faça outra coisa!
- Mas por quê?
- Faça outra coisa!!!

A diretora virou as costas e saiu, fiquei me indagando o porquê disso... Realmente não pude trabalhar com o jongo, ela me procurou novamente e pediu para nem trabalhar na sala de aula, pois não queria problemas! Mediante a isso, como professor contratado, escolhi outra dança que "não traria" problemas à direção.

2ª história, mais uma indagação! – Um curso sobre a valorização da raça negra, aspectos culturais, de saúde, histórico, debates sobre a importância da lei 10.639/03 na escola. Conversas interessantes foram acontecendo naquele espaço dentre professores, coordenação, direção e palestrantes, tudo fluindo eticamente!

Depois de uma conversa interessante, bem no outro dia, ao entrar na sala de aula, alunos ainda estavam chegando, os pequenos carregavam as enormes mochilas, quase do mesmo tamanho deles... Eis que virou o corredor, uma linda menina com os cabelos soltos e cheios, encaracolados, lindos! Ao entrar na sala, um menino a olhou e disse: - Nossa! Você tomou um choque? Olha o tamanho deste cabelo! Olhei para o garoto e disse a ele sobre a indelicadeza que estava cometendo! E que o cabelo dela estava lindo! Mas minha maior surpresa foi observar a postura da professora regente, levantando da cadeira, indo em direção a menina e dizendo: - Nossa, seu cabelo realmente está muito cheio e alto! Sua mãe não arrumou não? No momento congelei, não acreditei no que ouvi! Ainda mais quando vi nos olhos da menina a tristeza de ser exposta daquela forma! E a professora ainda "arrumou"! Quando voltou, questionei: - Porque fez isso? O cabelo dela estava perfeito! Não deveria ter mexido... Sem graça, ela disse: - É bonito mesmo né? Depois do fato, a menina não mais apareceu de cabelos soltos por longos meses...

3ª e última história – Última indagação... – Mês de Novembro, facilidade de se trabalhar com histórias africanas! Aproveitando o ensejo, contei histórias do povo do outro lado do oceano, mas que estão aqui sempre! Uma camiseta com um sol e um colar, coisas

simples para que a história fosse lembrada, não o contador de histórias! Ao terminar, os alunos atendidos ficaram livres para criarem plasticamente o que quisessem... Um dos alunos chegou a mim e acabrunhado, começou a perguntar:

- Oi, posso te perguntar uma coisa?

- Claro!

- Você é... M-A-C...

Parou, ficou sem graça e quis deixar, mas eu queria saber o que se tratava...

- Fale, você acha que sou???

- É, M-A-C-U-M-B...

- Ah, macumbeiro?

- É, isso... (Falando baixo e olhando para os lados...)

- Não, mas porque acha isso?

- Por causa do colar, tenho um parecido! Eu sou...

- Ah, você acha que é uma guia?

- Isso, eu tenho...

- Mas cadê? Você não está com ela!

- É que na escola é complicado... Meus amigos não entendem...

Quando percebeu que eu sabia o que era, que não compartilhava da crença, mas sabia do que se tratava e que não o julgava, começamos a conversar e visivelmente ele deixou a conversa fluir, sem medo de preconceitos. Descobri que ele toca tambor, faz parte do Candomblé ativamente, mas que ninguém da escola sabe, pois tem medo do que poderiam pensar dele...

## **UMA VONTADE - NOVO PENSAR, UMA INVESTIGAÇÃO**

A partir das histórias me pus a pensar: - Como que a temática ocorre dentro da sala de aula, dentro do ambiente escolar? Para isso nada melhor do que perguntar, observar e investigar, desta forma, foi desenvolvido um questionário para verificar como a temática é

abordada, com perguntas básicas, Nome, Sexo, Formação, Tempo de Magistério e algumas perguntas investigativas em torno da temática.

Porém, o olhar central desta pesquisa é se os professores possuem conhecimento acerca da lei 10.639/03, se o assunto é trabalhado em sala de aula, se os contos fazem parte das aulas e como os professores enxergam o enriquecimento da cultura com a vinda dos africanos para as terras brasileiras.

### **INVESTIGANDO, ALI ENCONTREI...**

A partir das respostas recebidas, coloquei-as para conversarem, as palavras que foram sendo levadas internamente pelos meus olhos, receberam o olhar de análise e desta forma pude perceber as realidades ali contidas.

De mais de 25 questionários distribuídos, apenas 8 foram devolvidos. Sendo 7 Professores de Educação Básica – Fundamental I e uma especialista em Educação Física, o tempo médio de profissão ficou em torno de 10 anos, com idade média de 36 anos, sendo apenas um homem dentre os profissionais. 50% dos educadores com especialização em Alfabetização. Referente a lei 10.639/03, dos 8 questionários, 1 afirma não conhecer, 5 conhecem a lei e sabem seu conteúdo, 2 a confundem com a sua atualização a lei 11.645/08.

Dos oito questionários respondidos, três afirmam que utilizam contos africanos, sendo citados alguns livros que existem no acervo da PMG – Prefeitura Municipal de Guarulhos, e filmes como os da série Kiriku. Quatro citam um ou outro texto utilizado, mas que não recordam o título e uma não utiliza devido ser professora de Educação Física.

Uma das perguntas girava em torno de um livro intitulado “Lendas de Exu” e todos informaram que utilizaria caso conhecessem, apenas uma professora assumiu “estranhamento” quanto ao título, como suas próprias palavras disseram.

Todos concordam que os Africanos contribuíram com a nossa cultura, com citações à música, às danças e à culinária, sendo que a Capoeira e a Feijoada foram muito apontadas.

### **REFLEXÃO APÓS TRAJETO**

“Um brinde à nossa capacidade de perceber que alguma coisa está acontecendo.”

Grace Passô in *Marcha para Zenturo* (2012 : p. 87)

Mediante estas situações, me questiono: Qual tem sido a postura dos educadores que lidam com essas crianças diariamente? Como profissionais que transmitem valores a seus alunos possuem certa repulsa ou visões inadequadas quando o tema esbarra em assuntos de grupos menores, neste caso, a africanidade? Basta perceber quantos questionários foram devidamente respondidos e devolvidos. Infelizmente confunde-se levar a cultura africana para a sala de aula com a religiosidade, como se fosse o que direciona o pensamento, enquanto a cultura é o principal foco, aliás, Paulo Freire (1996) diz: “Quanto mais cultural é o ser maior a sua infância, sua dependência de cuidados especiais” desta forma, o professor enquanto crítico que necessita ser, possui a competência de direcionar a apresentação dos temas e reflexões para contribuir com a construção do educando, estimulando os caminhos a serem traçados e percorridos, porém, caso o preconceito esteja presente, a transmissão pode ser deficitária. E Paulo Freire (1996) ainda diz: “Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente.”

Apresentar, possibilitar, conhecer, instigar... Oferecer caminhos para que o outro possa escolher qual será percorrido.

“Precisamos de histórias, de poemas e de toda a literatura possível na escola, não para sublinhar ideias principais, mas para favorecer uma educação sentimental. Não para identificar a moral da história, ensinamentos e valores, mas para empreendermos essa antiga tarefa do “conhece-te a ti mesmo” e “conheça os demais” (REYES, 2012 : p. 28)

Torna-se necessário ter acesso as várias histórias, dentre elas as africanas, para que assim possamos conhecer-se, desenvolver o lado sensível, conhecer a realidade do outro, como denota o interesse desta pesquisa.

Tratar dos contos afros e desta temática na escola é de suma importância, tanto que para isso foi necessário criar uma lei que garante este acesso dentre os educandos.

“Não se trata de incluir o Ensino Universal nos programas dos partidos reformadores, nem a emancipação intelectual entra as bandeiras da sedição. Somente um homem pode emancipar um homem.”  
(RANCIÈRE, 2010 : p. 142)

Quando se conhece o outro, a realidade do outro, desperta a possibilidade de se reconhecer, se entender e se perceber, e disso nasce o respeito às diferenças, pois afinal, também somos diferentes de alguém!

Mas pra que e por que contos afros na escola? Simples, para se conhecer uma ponta de sua origem, uma das bases de seu povo e compreender o outro, conviver em sociedade, estabelecer contato, aceitar a diferença e aprender com o diferente.

E sendo assim, através das pesquisas, conversas e vivências percebi o quão este assunto da africanidade faz parte do conhecimento superficial das pessoas, fala-se de poucos temas, principalmente da escravidão, feijoada, capoeira e ponto! Não se oferece olhar devido ao tema, não se compreende a importância de que se tem ao apresenta-lo, tanto que sua transmissão é garantida por lei, mas nem sempre ocorre e quando acontece é com pouca profundidade.

Todo e qualquer educador necessita oferecer ao máximo aos alunos, assim contribuiremos com o ser integral que todos somos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Lei 10.639 (2003). **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** Brasília, DF: Senado, 2003. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>. Acesso em 05 jan. 2013

BRENMAN, Ilan. **As narrativas preferidas de um contador de histórias.** São Paulo: DCL – Difusão Cultural do Livro, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PASSÔ, Grace. **Marcha para Zenturo.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar – Literatura, escrita e educação.** São Paulo: Pulo do Gato 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.